

APASCENTAR OVELHAS

16 de março

Baseada nesta apóstrofe de Jesus ao apóstolo – “Pedro, apascenta as minhas ovelhas” –, irroga-se a Igreja Romana no direito de ser a única mentora das almas em todo o orbe terráqueo. E o seu exclusivismo vai ao limite de anatematizar o próprio bem quando nasce entre aqueles que não se acham de acordo com os seus dogmas e artigos de fé. Desconhece, as mais das vezes, que o verdadeiro discípulo de Cristo é como o samaritano da sua parábola, que não pertence a nenhuma casta religiosa.

Afinal, o que é apascentar ovelhas, tarefa essa que o Pastor divino frisou com a máxima relevância? Seria saciar-lhes com o pão simbólico da eucaristia que a Igreja afirma conter o corpo e o sangue de Jesus Cristo transubstanciados? Nunca! Apascentar ovelhas é prodigalizar-lhes o alimento da alma e dessedentar-lhes com a água viva dos bons exemplos, dos melhores exemplos!

Nada vale a prédica sem a demonstração prática do método a seguir. Que valor possui o mais ornamentado sermão de Vieira e toda a eloquência de um Mont'Alverne para uma alma que padece de todos os sofrimentos sem conhecer caridosos cirineus para auxiliar-lhe a suportar o peso da cruz das provações remissoras?

Portanto, apascentar ovelhas é ofertar-lhes o amor em gestos inesquecíveis. O pastor de almas é obrigado a mostrar-lhes a própria luz em si se não quer que suas ovelhas tresmalhadas se despenhem sobre abismos inextricáveis.

Vejamos a Igreja, instituição venerável, que santificada com o sangue dos mártires do Cristianismo foi humanizada pelos homens.

Por que é que Martinho Lutero fundou a Reforma? É que como membro da Igreja de Roma sonhara-a como seguidora irrepreensível da humildade de Jesus e ao reconhecer as suntuosidades de que vivia rodeado o maior representante de Cristo na Terra, e lançando um olhar retrospectivo ao passado do Nazareno, viu bem que ali se encontrava a antítese do filho de Maria.

Por que se divorciaram da Igreja a maioria dos idealistas e filósofos, dos cultores das ciências e das artes? É porque ela não suporta a análise. Presa à opinião dos seus teólogos, não aceita as deduções científicas e as sugestões dos pensadores mais profundos.

As torres das suas catedrais maravilhosas rasgam as nuvens. O seu interior deslumbra-nos com a magnificência de suas disposições. Lá dentro, porém, não se recebem os mendigos, os andrajosos, os cegos, os leprosos, os orfãosinhos e toda a classe de sofrendores que formam o fundo do quadro incomparável da vida de Jesus. Ali acorrem os que possuem o terror do inferno e os que não têm a devida coragem moral para romper com as convenções sociais.

A Igreja, portanto, desviou-se dos seus deveres. Não tem apascentado as ovelhas do sumo Pastor. Antes, submergiu-as num acervo de ritualismos e exterioridades, pouco se lhe dando que sejam iluminadas de vida interior. E daí a desilusão dos que refletem verdadeiramente, amando a verdade.

Ela não satisfaz aos sinceros, sedentos de luz, porque não tem para dar o pão que alimenta a alma, a água que

sacia o espírito. Enervada pelas vanglórias do mundo, embriagada pelo desejo de domínio, a Igreja separou-se do reino do céu, fundando o seu no mundo da carne, e não se congregarà à "terra prometida" que Jesus fazia vislumbrar aos que o rodeavam enquanto não se convencer de que as palavras sem a verdadeira exemplificação são sementes tão áridas que se convertem em fontes inesgotáveis do mais entranhado dos ateísmos.

F. XAVIER

LIBERDADE DE CONSCIÊNCIA

1 de abril

Entrevistado pela imprensa sobre palpitantes assuntos de máximo interesse, no momento, para a nacionalidade brasileira, assim se exprimiu a inteligência lúcida e profunda do eminente estadista Sr. Borges de Medeiros, quanto à liberdade de consciência: "À Segunda República cabe manter, em toda a sua plenitude, a liberdade de consciência por todos os meios que ela possui para exprimir-se. O regime monárquico já consagrara no liberalismo de suas leis essa prerrogativa do povo, que é um direito decorrente da própria dignidade humana. A República, no código magnífico de leis que era a Constituição de 24 de fevereiro, consolidou essa conquista. A revolução só poderá respeitá-la e ampliá-la, a fim de corresponder aos ideais dos que a estimularam e fizeram. Sem liberdade de consciência, um povo não é digno de si mesmo e nem estará chamado a desempenhar no planeta um papel que marque o seu lugar na civilização contemporânea. Com a liberdade de consciência, teremos que assegurar todas as liberdades espirituais que a Constituição de 1891 já consagrara, em admirável amplitude".

Essa liberdade de consciência deve ser, especialmente, mais que nunca, uma prerrogativa do povo, no tocante às suas crenças.

A pretendida questão religiosa é inexistente no Brasil; ela seria um fato incontestável se as inteligências evoluídas,